

NEITHHOTEP
E
MERNEITH,
AS PRIMEIRAS FARAÓS
DO EGITO ANTIGO
E
SEUS LEGADOS

Luiz Guilherme Marques

2018



INTRODUÇÃO

A inversão de valores não é coisa exclusiva da nossa época, uma vez que em todos os tempos e em todas as civilizações e agrupamentos humanos essa pode ser considerada como a regra geral, havendo, é claro, exceções, dessa maneira dando-se preferência à astúcia ao invés da inteligência e à violência e ambição desonesta em lugar da moralidade.

Dentre os casos excepcionais, pode-se mencionar Narmer (Menés) e sua esposa e sucessora Neithhotep, Merneith e seu filho, o faraó Hórus Den e, muito tempo depois, Akhenaton, sendo que, neste livro, irei ressaltar os dois primeiros casos, ou seja, os reinados de Neithhotep e sua parenta Merneith, que viveram e governaram o Egito antigo por volta de cinco milênios atrás.

Neithhotep enviuvou do seu marido Narmer, e, até que seu filho Aha assumisse o governo, com a maioria, foi a consolidadora da unificação do Alto e do Baixo Egito, unificação essa que se fez possível graças ao casamento dela com Narmer, anos atrás, mas cuja permanência não foi fácil, porque, na verdade, tratava-se de povos diferentes, unidos sob o cetro real à força.

As pessoas que tomam ciência dos fatos históricos, no seu geral, não ficam sabendo do grau de dificuldade dos responsáveis pelos grandes eventos em sustentá-los e fazer com que venham a se tornar uma realidade irreversível.

A partir daquele início doloroso da unificação, graças à iniciativa forte e perseverança de Narmer e sua sucessora, a viúva Neithhotep, o que chamamos de Egito antigo começou a se tornar a grande civilização que mudou o mundo e que é

respeitada até hoje, mesmo passados muitos séculos da sua desagregação como civilização de alto nível para ser apenas um país sem maior expressão do mundo atual.

O nome de Neithhotep não é conhecido pela maioria das pessoas que ouvem falar no Egito antigo, tanto quanto o de sua parenta Merneith, eclipsados pelos de Nefertiti, Nefertari e Cleópatra, que, na verdade, foram muito menos importantes para o Egito antigo alcançar o nível que alcançou em termos culturais e nos aspectos positivos que legou à posteridade.

Notoriedade nem sempre significa importância para o progresso, mas, na maioria das vezes, significa simplesmente vocação para as vulgaridades, quando não para as imoralidades, sendo que as pessoas de mau caráter costumam ganhar mais evidência e até consideração histórica do que aquelas que cimentam ideias e realizações construtivas e realmente úteis.

São típicos os casos de Neithhotep e de Merneith, as duas primeiras faraós do Egito antigo, uma que fundou, com seu marido, o período dinástico, e a outra que lhe deu sequência, daí a cerca de um século após.

Este livro se propõe a contar um pouco da história de ambas para que os prezados Leitores vejam como a História oficial é referta de inverdades ou meias verdades, consagrando líderes de fancaria e falsos benfeitores, enquanto que os nomes dos verdadeiros heróis e heroínas costumam ser apagados pelos calhordas e falsários.

Assim acontece hoje e assim aconteceu sempre, de tal maneira que a História oficial representa um verdadeiro jardim zoológico de lobos, serpentes e hienas humanos.

Tanto Merneith quanto Akhenaton foram iniciadores de correntes religiosas, que, não seria de se estranhar, desagradaram os sacerdotes comprometidos com as imoralidades e a busca pelo poder a qualquer preço.

E quem fez os maiores estragos na vida daquele país extraordinário, que foi o Egito antigo, foi o casal Ramsés II-Nefertari, que viveu por volta do ano de 1.200 a. C., realmente os maiores falsários e corruptos dentre todos os governantes egípcios de todos os tempos.

Aliás, foi durante esse reinado que ocorreu o Êxodo, quando os hebreus, liderados por Moisés e seus irmãos Miriam e Arão, libertaram-se do jugo egípcio e foram em direção à terra onde hoje é o país de Israel.

A obra mais importante da faraó Merneith se chamava “Per Ankh” (Casa da Vida), tanto quanto a de Akhenaton (Amenófis IV) foi a nova religião, em que substituiu o deus Amon por Aton.

Vamos fazendo um vai e vem na História daquele tempo, mas, no final, os prezados Leitores vão chegar a alguma conclusão sobre as verdades que irei dizendo sobre o importante papel que Merneith desempenhou, mas que foi praticamente apagado, principalmente por obra do referido casal governante, que, como dito, lançou todo tipo de manchas sobre Merneith e sobre Akhenaton, fazendo-se passar fraudulentamente, perante a posteridade, como os maiores governantes de toda a história do antigo reinado egípcio, colocando ela própria (Nefertari) como a deusa da Justiça.

Quem quiser aprofundar o estudo comparativo entre a vida de Nefertari e a deusa Maat verá que se tratam da mesma individualidade, cheia de maldades e perversões.

Mas o nosso estudo não é sobre ela e sobre Ramsés II, mas sim sobre Neithhotep e Merneith, que, atualmente, estão praticamente esquecidas, quando, na verdade, foi a segunda a sequenciadora do prestígio feminino no governo do Egito dos faraós, iniciado por sua antepassada, a faraó Neithhotep, sem contar outras realizações relevantes de Merneith que irei abordar.

Este livro tratará desses temas, dando-se ênfase ao trabalho de Merneith de fundação e desenvolvimento da poderosa instituição chamada Casa da Vida, continuada depois do seu falecimento sob o patrocínio da deusa Mafdet, a “senhora da Casa da Vida”.

Não se sabe ao certo a data do nascimento de Merneith, pois as mulheres, mesmo as da família real egípcia, não eram, digamos assim, “registradas”, tendo sido Merneith (“amada da deusa Neith”) filha do faraó Djer, sendo desconhecido o nome da mãe, e, mal tendo entrado na puberdade, por volta dos 12 ou 13 anos, teve de casar-se, por uma questão de conveniência, com seu irmão Djjet, o qual posteriormente se tornou faraó, uma vez que eram comuns os casamentos entre irmãos na família real, aliás, daí surgindo degenerescências hereditárias, como foi o caso típico de Tutancâmon.

Djjet não foi bom governante e morreu poucos anos depois de assumir o trono e essa fatalidade abriu caminho para a grande estadista Merneith assumir o comando do país, mesmo que sem utilizar a coroa de faraó e demais acessórios que distinguiam os governantes do comum dos mortais.

Do casamento com Djjet nasceram Hórus Den, futuro faraó, que ficou conhecido também como Udimu, Ousapháis (“homem do deserto”) e outros nomes e uma menina, cujo nome não foi anotado para a posteridade.

Muitos discutem se Merneith foi faraó ou se apenas regente durante a menoridade do filho Den, mas, com ou sem o título oficial, a verdade é que, das mulheres daquela época, a única que mandou construir dois túmulos, um em Abydos e outro em Sakkara, foi ela, o que só era possível em relação aos faraós.

Há outros dados que apontam no sentido de que Merneith foi faraó, como este, mencionado na Wikipédia: *“sua estela cerimonial contém símbolos de sua divindade.”*, sabendo-se que apenas os faraós eram considerados seres divinos, mas não suas esposas, irmãs e mães.

Os historiadores se dividem quanto ao assunto, uns dizendo que sim e outros que não, mas dá para entender que, mesmo quando seu filho Den era faraó, tendo atingido a maioridade, que era considerada a partir dos 13 ou 14 anos, ela é quem realmente governou, assessorada por alguns vizires, dentre os quais Hemaka [1], que desempenhou importante papel principalmente durante o período posterior à morte de Merneith.

Ela governou durante a menoridade do filho por cerca de cinco anos e mais uns vinte durante o reinado dele.

Calculo que tenha morrido por volta dos quarenta anos de idade.

Era uma mulher de estatura mediana, sendo que a altura média das mulheres egípcias era de 1,56 m, porém muito bonita segundo os padrões da época, em que o nível de beleza era bem inferior ao de hoje.

Aliás, há um estudo que confirma que, quanto mais antiga a época, mais primitivos eram os traços físicos das pessoas, o que é uma realidade, que podemos verificar ao

olhar as estátuas e outros registros visuais dos personagens dos séculos e milênios passados.

Tratava-se, posso deduzir com certeza absoluta, de uma pessoa altamente organizada e com grande vocação para administrar de forma inovadora e progressista, isso sem contar um detalhe pitoresco, tipicamente feminino, pois fazia questão absoluta de cuidar, como uma das suas prioridades, da própria beleza e consta que trazia os cabelos coloridos de vermelho e muito bem tratados, ficando diariamente horas a fio sob os cuidados das suas cabeleireiras, camareiras e esteticistas.

O progresso realizado durante esses vinte e cinco anos nunca foi igualado por nenhum outro faraó anterior ou posterior.

Considero como progresso o que é realmente útil para as coletividades e não apenas o auto endeusamento, empreendimentos militares visando expansão territorial e falsificações históricas em que Ramsés II e sua esposa Nefertari foram mestres.

Os melhoramentos atribuídos ao faraó Den podem ser debitados, em grande parte, à iniciativa ou inspiração da mãe, que, por causa da conjuntura da época, tinha de não chamar para si os holofotes, mas sim ver os resultados como se outrem fosse o autor das obras.

Dessa maneira, considerado como um dos períodos de maior progresso dos mais de dois milênios da história do Egito antigo, Merneith merece que seu nome seja conhecido das pessoas que sabem de História apenas por alto.

Dedicarei um trecho considerável à Casa da Vida, pois foi o ponto alto da gestão de Merneith, apesar de também ter realizado muito nos outros setores da vida do país e seu povo.

Os nobres em geral e bem assim os sacerdotes, na sua maioria, não ficaram satisfeitos com sua atuação, pois focou muito mais os interesses do povo (fato incomum naquele tempo, e, aliás, como ainda hoje) do que os da nobreza e teve olhos para a religiosidade mais elevada ao invés de fazer conchavos com os sacerdotes do deus Amon e outros, os quais visavam apenas se tornar mais prestigiosos e ricos à custa da religiosidade de fachada.

A Casa da Vida, vou antecipar um pouco este ponto, tinha sucursais em várias localidades, sendo um de centro de estudos de todas as modalidades do Conhecimento (Filosofia, Religião, Arte e Ciência).

Essas realizações foram possíveis porque ela (Merneith) e Den formavam uma unidade granítica, como um Janus bifronte, uníssonos na sua atuação, apoiados e assessorados por alguns funcionários fiéis e competentes, como era o caso de Hemaka.

Portanto, quando se estuda sobre o reinado de Den pode-se entender que, durante vinte e cinco anos, vivenciou-se o período Merneith-Den.

Há um dado que irei comentar para meus prezados Leitores: *“Antes dela, acredita-se que Neithhotep tenha governado o país recém unificado quando seu marido, o faraó Narmer morreu, sendo que seu filho era muito jovem. Seu nome está escrito em um selo Naqada dentro de um serekh, maneira pela qual os nomes dos reis eram escritos. Isso pode significar que Meritneit foi, de fato, a segunda mulher na primeira dinastia egípcia a governar como faraó.”*

Quanto a Neithhotep não consegui muitas informações, mas tenho de destacar o seu legado para o futuro do Egito unificado.



OS DADOS DA WIKIPÉDIA SOBRE MERNEITH EM PORTUGUÊS



“Meritneit, Merneit, Merneith ou MerytNeith foi rainha consorte e regente do Antigo Egito, durante a I dinastia. Pode ter sido rainha por direito segundo diversos registros e pode ter sido a primeira mulher faraó e uma das primeiras rainhas regentes de

um reino na história. Seu reinado aconteceu em algum momento do terceiro milênio antes de Cristo, em data ainda a se determinar.

Seu nome significa "Amada de Neith" e sua estela cerimonial contém símbolos de sua divindade. Pode ter sido filha do faraó Djer e provavelmente grande esposa real de Djet. Se esta for sua linhagem, é provável que ela seja bisneta ou trineta do unificador do Egito, faraó Narmer. Também foi mãe do faraó Den, seu sucessor.

Família

Meritneit é mencionada em uma série de selos e inscrições impressos ligados aos faraós Djer, Djet e Den. Ela deve ter sido filha de Djer, apesar de não haver evidência conclusiva. Como mãe de Den, é possível que fosse a grande esposa real de Djet. Não se encontrou ainda informações sobre quem seria sua mãe.

Um selo real de argila, achado na tumba de seu filho, Den, contém a inscrição: "Mãe do Rei, Merneith". Como se sabe que Djet era pai de Den, faz sentido que ela seja esposa real de Djet.

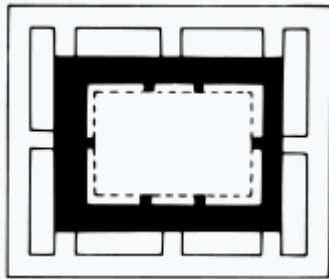
Biografia

Acredita-se que Meritneit tenha se tornado regente e governante do Egito com a morte de Djet, no entanto há um debate a respeito do título. É possível que seu filho, Den, fosse ainda muito jovem para governar quando seu pai morreu. Assim ela teria se tornado regente até a maioridade do herdeiro, por direito real. Antes dela, acredita-se que Neithhotep tenha governado o país recém-unificado quando seu marido, o faraó Narmer morreu, sendo que seu filho era muito jovem.

Seu nome está escrito em um selo Naqada dentro de um serekh, maneira pela qual os nomes dos reis eram escritos. Isso pode significar que Meritneit foi, de fato, a segunda mulher na primeira dinastia egípcia a governar como faraó.

A principal evidência a favor de Meritneit faraó é sua tumba. A Tumba Y, em Abidos, ou Umm el-Qa'ab, o Vale Novo, é única entre todas as tumbas de homens na região. Ela foi sepultada próximo a Djet e Den. Sua tumba tem a mesma escala e tamanho de tumbas de reis do mesmo período. Duas estelas funerárias contendo seu nome foram descobertas próximas da tumba. Seu nome, no entanto, não está incluído na lista de reis feita no Império Novo. Um selo contendo a lista de faraós da primeira

dinastia foi encontrando na tumba de Qa'a, o terceiro faraó conhecido, depois de Den, filho de Meritneit, mas na lista também não consta seu nome.

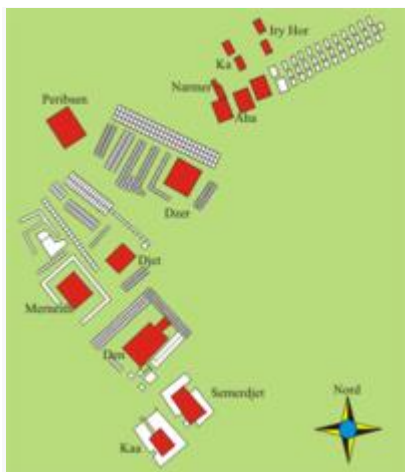


Plano que contém uma câmara na tumba de Meritneit.

Outras evidências a favor do reinado de Meritneit:

- *seu nome aparece no selo real encontrado na tumba de seu filho, Den. O selo inclui Meritneit em uma lista dos reis da primeira dinastia. O seu era o único nome de uma mulher, todos os outros são os nomes de Hórus dos reis, mas o de Meritneit aparece acompanhada do título "Mãe do Rei";*
- *seu nome pode estar na Estela de Palermo, uma lista gravada em pedra contendo os Anais Reais do Império Antigo, que contém os nomes dos faraós da primeira dinastia até a quinta dinastia;*
- *itens da grande mastaba, em Saqqara, foram encontrados contendo seu nome inscrito em vasilhas feitas de pedra, jarros, bem como selos reais. É nesta mastaba que seu nome aparece dentro de um serekh;*
- *o assim chamado "grupamento" de Meritneit é um grupo de tumbas no cemitério de Shunet el-Zebib. Essas tumbas são datadas do tempo de Meritneit;*
- *seu nome foi encontrado entre os objetos achados na tumba de Djer em Umm el-Qa'ab.*

Tumba



Cemetery B, Umm el-Qa'ab. Tumbas dos faraós da primeira e segunda dinastias.

Em Abidos, a tumba pertencente a Meritneit foi encontrada em uma área associada a outros faraós da primeira dinastia. Duas estelas de pedra encontradas no lugar identificam sua tumba. Em 1900, Flinders Petrie encontrou sua tumba e, por sua natureza, acreditou se tratar de um faraó desconhecido. Escavada e contendo uma grande sala subterrânea, era ladeada por tijolos, que por sua vez eram rodeados por uma série de tumbas menores, com pelo menos 40 túmulos subsidiários para os servos. Acredita-se que as tumbas dos servos eram para auxiliar os faraós no pós-vida. O enterro de servos com o rei era uma prática comum para as primeiras dinastias egípcias. Um grande número de sacrifícios eram feitos e enterrados junto do faraó também. O complexo de tumbas da primeira dinastia foi um importante centro religioso e cultural para a sociedade daquele tempo.

Dentro da tumba, os arqueólogos encontraram um grande barco solar, que permitiria a viagem de Meritneit até o pós-vida. Abidos é um local de muitos templos antigos, incluindo a necrópole real de Umm el-Qa'ab, onde vários faraós foram enterrados.”

<i>Precedido por Djet</i>	<i>Faraó regente 3050 a.C. - 3045 a.C.</i>	<i>Sucedido por Den</i>
-------------------------------	--	-----------------------------

(<https://pt.wikipedia.org/wiki/Meritneit>)



DADOS DA INTERNET SOBRE DEN EM PORTUGUÊS

“Den (Hórus que golpeia)

Foi um dos governantes mais importantes deste período. Seu reinado é marcado por um grande desenvolvimento na arquitetura funerária e pelo progresso do estado, na administração, economia, artesanato, religião. Mais de 30 mastabas foram erguidas em Saqqara e Abu Rawash durante o seu reinado, por funcionários de todos os tipos, isso é sinal de uma administração próspera e forte.



Hórus Den

Assim como Djer, parece que Den também foi médico e um dos estudos que se acredita seja de sua autoria, versa sobre o tratamento de fraturas.

Den está registrado em numerosos objetos e fragmentos. Um selo de marfim, encontrado em Abidos, mostra Den atacando um prisioneiro asiático. Seu nome aparece no serekh encimado por Hórus, mas há na frente da cena a representação de Seth como animal (chacal).

Este faraó foi o primeiro de uma série de eventos como, o primeiro a adotar o nome Neby ou Duas Senhoras, o primeiro a ser representado usando a coroa dupla, o primeiro a incorporar uma longa escadaria em sua tumba e foi o criador da posição de vizir para o Baixo Egito (ocupada por um homem de nome Hemaka, cuja tumba, muito rica, está em Saqqara). Também é creditado a ele o primeiro censo no Egito, contando todas as pessoas do norte, leste e oeste para determinar os impostos.

Nomes:

- *Mâneton o chama Usaphaidos*
- *Listas de reis - Septi, Semti, Kenti, Udimu*
- *Nome de Hórus - Hórus que golpeia*
- *Nome Neby - Neby Khasti, Neby Chasti, Neby, “o homem do deserto”*

(https://pt.wikibooks.org/wiki/Civiliza%C3%A7%C3%A3o_Eg%C3%ADpcia/Per%C3%ADodo_din%C3%A1stico_antigo/Dinastias_do_Per%C3%ADodo_din%C3%A1stico_antigo)



A DEUSA MAFDET

Depois da morte de Merneith, surgiu o culto à deusa Mafdet, da Justiça e da Cura, sendo conhecida como “senhora da Casa da Vida”.

Mafdet era representada comumente como uma pantera negra, apesar de haver historiadores que a identificam com outros felinos menores.

A Wikipédia informa:

“Nos primórdios da mitologia egípcia Mafdet era uma deusa associada à justiça e ao poder real. O seu nome significa provavelmente "a corredora".

Era representada como um animal que ainda não foi possível identificar, sendo talvez uma pantera, um gato almiscarado (civeta) ou mangusto) subindo por um bastão onde havia uma lâmina amarrada por uma corda.

É provável que esta tenha sido a arma usada para decapitação nos primórdios. Em cenas do Novo Império ela é vista como o carrasco das criaturas malignas.

Este instrumento era usado na aplicação da justiça, estando assim Mafdet ligada ao aspecto punitivo da justiça.

Mafdet era a deusa da justiça legal ou possivelmente da execução, mas também era associada à proteção dos aposentos do rei e de outros locais sagrados, e ainda com a proteção contra animais venenosos, que eram vistos como transgressores da lei de Ma'at.

É uma deusa bastante antiga, que já era adorada no tempo da I Dinastia (Época Tinita).

Nos Textos das Pirâmides (meados do III milênio a.C.), assassina com as suas garras a serpente Apofis. Acreditava-se que a deusa combatia os escorpiões e as serpentes com as suas garras afiadas.

Para além deste aspecto feroz, Mafdet tinha igualmente um lado benéfico, sendo invocada para afastar as picadas dos escorpiões e das serpentes. Era por isso chamada de "Senhora da Casa da Vida", uma referência ao local onde se curavam os doentes no Antigo Egito. A deusa era também encarada como protectora do faraó.



selo do faraó Den

Essa deusa foi muito importante durante o reinado do faraó Den, da primeira dinastia, sua figura aparece em fragmentos de vasos de pedra da tumba deste faraó e é mencionada numa introdução dedicatória na Pedra de Palermo.

Ela também é mencionada nos Textos das Pirâmides do Antigo Império como protetora do deus sol Ra, contra cobras venenosas.

Representações



Deusas felinas.

Artisticamente, Mafdet é mostrada como um felino, uma mulher com cabeça de felino ou um felino com cabeça de mulher, algumas vezes com os cabelos trançados cujas pontas terminam em caudas de escorpião. Algumas vezes ela é representada com um enfeite de cabeça feito de cobras.

Também temos Mafdet como um felino correndo ao lado do grupo responsável por uma execução. Era dito que Mafdet arrancava o coração dos malfeitores, colocando-os aos pés do

faraó, da mesma forma que os gatos domésticos fazem quando deixam aos pés do dono, roedores ou pássaros que caçaram.

Durante o Novo Império, Mafdet podia ser vista no salão dos julgamentos em Duat, onde os inimigos do faraó eram decapitados pelas garras de Mafdet.

Seu culto foi substituído, mais tarde, pelo de Bast, outra deusa-gato e uma guerreira leoa, Sekhmet, que era vista como protetora do faraó. Sua imagem felina permaneceu associada com os faraós, inclusive em seus bens pessoais e até mesmo na cama sobre a qual sua múmia era colocada.”

(<https://pt.wikipedia.org/wiki/Mafdet>)



A CASA DA VIDA SEGUNDO UM TEXTO DA INTERNET

“Medicina

A utilização de fórmulas mágicas ligadas às divindades em numerosos remédios leva a pensar que a organização teológica desempenhava um papel no mundo da Medicina egípcia.

Os sanatórios:

Presume-se que numerosos templos possuíam sanatórios, instalações destinadas ao tratamento de pessoas doentes. Todavia, levam a pensar que os templos, e, portanto, os sanatórios, exerciam trabalhos cirúrgicos, pelo menos na época ptolomaica. Os “sonhos terapêuticos” faziam igualmente parte integrante dos remédios empregados, uma vez que possibilitavam, na tradição, de indagar diretamente os deuses sobre os remédios a utilizar. Aprendizado na Casa da Vida:

A Casa da Vida (ou “per ankh”) era uma instituição típica dos templos do Egito antigo. Segundo Bruno Halioua, a passagem pela Casa da Vida fazia parte dos “estudos de Medicina”. Com efeito, parece que esses lugares conservavam numerosos papiros muito antigos nos quais as noções de Medicina poderiam ser

abordadas. Determinados textos fazem pensar que as Casas da Vida representavam um verdadeiro departamento médico onde os novos médicos podiam aprender, junto aos doentes, a prática sanitária. Esse departamento continha também uma farmácia onde se preparavam os remédios, se podemos interpretar assim com base na citação: “guardiã da mirra da Casa da Vida” registrada em um papiro. Os especialistas se perguntam também sobre a existência de um aprendizado clínico na Casa da Vida. Uma coisa é certa: a cópia de documentos nessa instituição evidentemente permitiu a conservação de uma cultura médica multimilenária nos templos.

Sacerdotes-médicos:

A associação da Medicina com a Religião vem desde o começo da civilização egípcia. Para eles, a doença era obra de um demônio, que deveria ser combatido por meio de fórmulas mágicas. A melhor maneira de combatê-los era pedir o socorro de um deus, ou vários, o que explica essa dupla função de sacerdote e médico. Os médicos eram subordinados aos sacerdotes de Sekhmet ou de Selket (ou Selkis). Com efeito, segundo a tradição, era Sekhmet que espalhava as doenças no mundo... mas que sabia igualmente curá-las. Os sacerdotes de Selket tinham que passar pelo animal de poder dela: um escorpião, representação do mal que era necessário destruir. Os sacerdotes de Sekhmet estavam preparados para atuar também como veterinários. Existiram igualmente sacerdotes-médicos, sacerdotes esses que, além de outras tarefas a serviço de um deus, estudavam a Medicina. É o caso de Qâr, sacerdote-médico do Antigo Império, cuja tumba foi recentemente descoberta em Saqqarah. Essa tumba continha numerosos instrumentos cirúrgicos e também numerosas estátuas de divindades... ligadas à Medicina, como Imhotep (considerado o criador da Medicina) Hathor, Osíris e também Sekhmet. Todas essas informações colocam em evidência o papel importante do templo na Medicina egípcia, além da sua implicação econômica.”



OS DADOS DA INTERNET SOBRE NEITHHOTEP



“Neithhotep ou Neith-hotep era uma rainha egípcia antiga que vivia e governava durante a primeira dinastia. Ela já foi considerada uma governante masculina: sua mastaba extraordinariamente grande e o serekh real que prendia seu nome em várias impressões de selos levaram os egiptólogos e historiadores à crença errônea de que ela poderia ter sido um rei desconhecido.

À medida que a compreensão dos primeiros escritos egípcios se desenvolveu, os estudiosos aprenderam que Neithhotep era de fato uma mulher de posição extraordinária. Posteriormente, ela foi considerada a esposa do primeiro faraó unificado do Egito, Narmer, e a mãe de Hor-Aha. Descobertas mais recentes sugerem que Neithhotep poderia ter sido uma esposa de Hor-Aha, e a mãe e co-regente do sucessivo governante Djer. A evidência arqueológica também indica que ela pode ter governado como faraó por si mesma e, como tal, teria sido a monarca mais jovem da história.

Nome

O nome de Neithhotep está ligado a Neith , a deusa da guerra e da caça. Isto seguiu uma tradição notavelmente praticada durante a primeira dinastia: muitas rainhas (como Merneith/Meritneith, outra possível faraó feminina e descendente de Neithhotep) e princesas (como Aha-Neith, Her-Neith, Nakht-Neith e Qa'-Neith) também tinha nomes referenciando a divindade.

Títulos

Como rainha, Neithhotep tinha vários títulos de elite e piedosos:

- *Em primeiro lugar das mulheres (Egito. Khenty wat)*
- *Consorte das Duas Damas (Egito. Semat Nebty)*

É possível que Neithhotep tenha mais títulos reais, mas estes ainda não foram descobertos. Na época em que Neithhotep governou, muitos títulos reais para reis e rainhas ainda não tinham sido introduzidos. Neste estado inicial de desenvolvimento hieroglífico , os primeiros egípcios podem não ter sabido ainda como expressar certos títulos. Alternativamente, a crença nos papéis dinásticos das rainhas era diferente do que era no tempo de Meritneith.

Atestados

O nome de Neithhotep foi encontrado em Helwan , Abydos e Naqada . Ele aparece em impressões de selo de argila, em etiquetas de marfim e como inscrições em taças de pedra. A maioria dos objetos foi encontrada em seu complexo funerário e nos túmulos de Aha e Djer. Em vários selos de barro, o nome de Neithhotep foi escrito dentro de um duplo serekh, o meio dos serekhs fundidos é empoleirado por um padrão divino de Neith. Uma impressão de selo incomum dá o nome de dicção Hetepjw.

Novas descobertas

Um novo local de descoberta do nome de Neithhotep está no Wadi Ameyra, no Sinai. No local, várias gravuras rupestres remontam aos tempos dos reis Iry-Hor , Narmer , Djer e Raneb. A inscrição do rei Djerer mostra à sua esquerda uma procissão de barcos festivos reais, à direita mostra um serekh real com o nome de Djer dentro. O Hórus-falcão em cima do serekh segura uma maça de guerra, batendo em um inimigo ajoelhado até a morte. O nome de

Neith-hotep aparece no site da esquerda diagonalmente acima do serekh.

Avaliações históricas

Após a descoberta de sua mastaba, Neithhotep foi pensado para ser um governante masculino: Sua tumba extraordinariamente grande e o serekh real que envolve seu nome em várias impressões de foca levaram egiptólogos e historiadores à crença errônea de que ela poderia ter sido um rei ainda desconhecido. No entanto, à medida que a compreensão dos primeiros escritos egípcios se desenvolveu, os estudiosos aprenderam que Neithhotep era de fato uma nobre feminina de classe extraordinária. Junto com essa percepção, os estudiosos a viam agora como a esposa do rei Narmer e mãe de Hor-Aha. Esta visão foi promovida por impressões de selo de barro encontradas em seu túmulo mostrando os serekhs de Narmer e Aha.

O nome de Neithhotep aparece em várias impressões de selos de barro dentro de um serekh - uma moda que era comumente reservada apenas aos governantes masculinos. Em segundo lugar, seu túmulo é de tamanho extraordinário e tem seu próprio recinto de culto. Tal caso é outro caso apenas conhecido da rainha Meritneith. Uma terceira evidência são as próprias inscrições de Wadi Ameyra: estas revelam que Neithhotep organizou e ordenou uma expedição através do Wadi na tentativa de minar e colher matérias-primas. Mas tal ato comumente requeria poderes reais que uma mera rainha consorte não possuía - não até que ela fosse de fato uma governante independente, totalmente autorizada.

O caso da rainha Neithhotep mostra semelhanças surpreendentes com a da rainha Meritneith, que liderou o gabinete real do seu ainda menor filho, o rei Hor Den. Essa percepção levou os egiptólogos agora à teoria de que a rainha Neithhotep também poderia ter liderado o ofício real de um menino-rei ainda criança, como uma espécie de rei substituto. Tal ato é agora conhecido por ter sido bastante comum nos primeiros tempos do Egito. As dinastias reais foram fundadas nos primeiros tempos por mães reais, não por herança de pai para filho.

Alguns estudiosos até acreditam que Neithhotep pode ser idêntico a um sinistro rei Teti listado nas listas de reis de Ramesside e indiretamente mencionado na famosa Pedra de Palermo. A pedra de Palermo fornece um interregno entre o rei Aha e Djer, mencionando uma "dupla data de morte" na coluna I dos anos do evento. A discrepância temporal entre a data de morte de Hor-

Aha e a segunda nota de morte abrange cerca de 1 ano, 1 mês e 15 dias. Tal período de tempo parece muito curto para um governante "real" como Hor-Aha, Djer ou Wadj. Seria bem adequado para alguém que governou como um substituto para o faraó original. E isso, por sua vez, agora é comprovado pela rainha Neithhotep. Assim, a entrada sinistra na Pedra de Palermo pode, de fato, ser uma referência ao interregno da rainha Neithhotep. Isso explicaria também por que nenhum artefato contemporâneo da 1ª dinastia menciona o nome real Teti, mas os outros (Itetj e Ita).

A equalização da rainha Neithhotep com Teti I. não é comumente aceita. Egptólogos como Werner Kaiser e Walter B. Emery apontam para vários fragmentos de selo de argila com os nomes de Hórus de todos os reis de Narmer para Hor-Den. Esses selos foram descobertos nos túmulos de Den e da rainha Meritneith e todos consequentemente começam sua lista com Narmer, que era o marido de Neithhotep. Kaiser e Emery veem isso como prova de que foi Narmer, não Hor-Aha, quem iniciou a primeira dinastia. Além disso, Kaiser aponta para selar fragmentos que mencionam o nome Menj ao lado do serekh de Narmer. Assim, é pelo menos igualmente possível que Narmer seja idêntico ao rei Menes. Isso, por sua vez, significaria que o nome de cartela "Teti" pertence a Hor-Aha, não a rainha Neithhotep.

Túmulo

O túmulo de Neithhotep foi descoberto em 1897 pelo arqueólogo francês Jacques de Morgan no local de Naqada. Mais tarde, foi novamente investigado pelo arqueólogo alemão Ludwig Borchardt em 1898. A superestrutura consistia em uma enorme mastaba feita de tijolos de barro endurecidos, as paredes externas eram nichos. Agora está completamente destruído devido à erosão condicional do tempo. Devido ao seu enorme tamanho, acreditava-se que o túmulo era o do rei Menes. A escolha do lugar para a tumba pode indicar que a rainha Neithhotep se originou do norte do Baixo Egito. Também se acreditava que Neithhotep se casou com Narmer na tentativa de facilitar a unificação de Narmer no Egito.”

(<https://en.wikipedia.org/wiki/Neithhotep>)



DADOS DA INTERNET SOBRE NARMER (MENÉS)



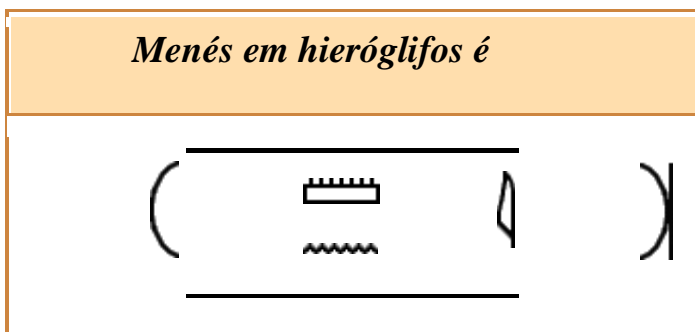
“*Menés (em árabe: منمنمن; em grego clássico: Μήνης; egípcio: Meni) foi um faraó do Antigo Egito da Época Tinita, creditado pela tradição clássica como o unificador do Alto e Baixo Egito, e como o fundador da primeira dinastia.*

A identidade de Menés é um tema de debate em curso, embora o consenso geral dos egiptólogos identifica Menés como o faraó protodinástico Narmer (também creditado como unificador do Egito) como o primeiro faraó, evidenciado por diferentes titularias reais nos registros históricos e arqueológicos, respectivamente.

Nome e identidade

O comumente usado Menés deriva de Manetão, um historiador egípcio e sacerdote que viveu durante o período ptolomaico.

Manetão usou o nome na forma Μήνης (transliterado: Mênês). Na



forma grega alternativa, Miv (transliterado: Min) foi citado pelo historiador Heródoto no século V a.C., uma variante não muito considerada em resultado da contaminação a partir do nome do deus Min. Eusébio de Cesareia identifica o Min de Heródoto com o Menés de Manetão. A forma egípcia, Meni, é tomado pela listas reais de Turim e Abidos (datadas da XIX dinastia).

O nome, Menés, significa "Aquele que persevera", que, Edwards (1971) sugere, pode ter sido cunhado como "um mero epíteto descritivo denotando um semi-legendário herói [...] cujo nome havia sido perdido". Em vez de uma pessoa em particular, o nome pode ocultar coletivamente os faraós protodinásticos Ka, Escorpião II e Narmer.

Menés e Narmer

A quase completa ausência de qualquer menção de Menés no registro arqueológico, e a comparável riqueza de evidências de Narmer, uma figura protodinástica creditada por descendentes e no registro arqueológico como um firme reivindicador da unificação do Alto e Baixo Egito, tendo dado origem para a teoria de que identifica Menés como Narmer.

A principal referência arqueológica de Menés é uma placa de marfim de Nacada que mostra o nome Hórus real Aha (o faraó Hórus Aha) próximo a um edifício, dentro do qual está o nome nebty real mn, geralmente tomado como sendo Menés. Disto, várias teorias sobre a natureza do edifício (uma cabine funerária ou um santuário), o significado da palavra mn (um nome ou um verbo perdura) e a relação entre Hórus Aha e Menés (como uma pessoa ou um faraó sucessor) tem surgido.

As listas reais de Turim e Abidos, geralmente aceitas como sendo corretas, listam os nomes nebty dos faraós, não seus nomes de Hórus, e são vitais para a reconciliação de vários registros: os nomes nebty nas listas reais, os nomes de Hórus nos registros arqueológicos e o número de faraós da I dinastia de acordo com Manetão e outras fontes históricas.

Petrie fez a primeira tentativa para esta tarefa, associando Iti com Djer como o terceiro faraó da I dinastia, Teti (Turim) (ou outro Iti [Abidos]) com Hórus Aha como segundo faraó, e Menés (um nome nebty) com Narmer (um nome Hórus) como primeiro faraó da I dinastia. Lloyd (1994) achou esta sucessão "extremamente provável", e Cervelló-Autuori (2003), categoricamente afirma que "Menés é Narmer e a Primeira Dinastia começou com ele".

História

A antiga tradição atribui a Menés a honra de ter unido o Alto e Baixo Egito em um único reino e tornando-se o primeiro faraó da I dinastia. No entanto, seu nome não aparece existentes peças dos Anais Reais (Pedra do Cairo e Pedra de Palermo), que é uma lista real fragmentada que foi esculpida numa estela da V dinastia. Ele tipicamente aparece fontes mais tardias como o primeiro humano a governar o Egito, diretamente herdando o trono do deus Hórus. Ele também aparece em outra, muito mais tardia, lista real, sempre como o primeiro faraó humano do Egito. Menés também aparece em romances demóticos do período greco-romano, demonstrando que, mesmo que tardiamente, ele foi considerado uma figura importante.

Menés foi visto como uma figura fundadora por grande parte da história do Antigo Egito, similar a Rômulo na Roma Antiga. Manetão registra que Menés reinou por 30 (ou 60) anos, levou o exército transversalmente na fronteira e ganhou grande glória, e foi morto por um hipopótamo. Ele foi sucedido por seu filho Atótis, que construiu o palácio de Mênfis.

Capital

Manetão associou a cidade de Tinis com as primeiras dinastias (Dinastia I e II) e, em particular, Menés, um "tinita" ou nativo de Tinis. Heródoto contradiz Manetão ao afirmar que Menés fundou a cidade de Mênfis como sua capital após desviar o curso do rio Nilo através da construção de um dique. Manetão atribui a construção de Mênfis para o filho de Menés, Atótis, e chama os faraós da III dinastia como "menfitas". No entanto é pouco provável que apenas durante o reinado do sucessor de Menés, a capital tenha sido transferida para Mênfis, pois, sua localização possibilitaria um mais eficiente controle sobre o recém-incorporado Baixo Egito assim como das rotas comerciais com o Oriente Próximo.

Eusébio de Cesareia, ao comentar a cronologia de Manetão, observa que a duração total dos reinos egípcios é muito longa, e sugere que as várias dinastias de Manetão poderiam ter reinado ao mesmo tempo, em diversas partes do Egito, com reis em Tinis, Mênfis, Saís e na Etiópia.

Locais como Hieracômpolis e Nacada, por sua importância durante o período pré-dinástico, receberam templos. Da mesma forma, Abidos foi mantida como necrópole da I dinastia.

Influência cultural

Diodoro Sículo afirma que Menés introduziu a adoração dos deuses e a prática de sacrifícios tão bem quanto um mais elegante e luxuoso estilo de vida.

Por esta última invenção, a memória de Menés foi desonrada pelo faraó da XXIV Dinastia Tefnacte, e Plutarco menciona um pilar de Tebas sob o qual foi inscrito uma maldição contra Menés como o introdutor da ostentação.

Episódio do crocodilo

Diodoro Sículo recorda uma história de Menés, relatada pelos sacerdotes do deus crocodilo Sobek de Crocodilópolis, em que o faraó Menés, atacado por seus próprios enquanto caçava, fugiu atravessando o lago Moeris nas costas de um crocodilo e, em agradecimento, fundou a cidade de Crocodilópolis.

Edwards (1974) afirma que "a lenda, que está, obviamente, cheia de anacronismos, é manifestamente desprovida de valor histórico", mas Mastepo (1910), embora reconhecendo a possibilidade de que as tradições relativas a outros reis podem ter-se misturado com essa história, rejeita a sugestão de alguns comentadores de que a história deve ser transferida para o faraó Amenemés III} da XII dinastia e não vê nenhuma razão para duvidar de que Diodoro não registrou corretamente uma tradição de Menés.

Joseph (2004) interpreta a história como uma alegoria para a vitória de Menés e seus aliados em sua guerra de unificação, e em que os inimigos de Menés são simbolizados insultuosamente como os cães.

Faber (1816), tendo a palavra campsa o significado tanto de crocodilo como arca e preferindo este último, identifica Menés como Noé e toda a história como um mito do dilúvio.

Morte

Segundo Manetão, Menés reinou por 30 (ou 60 anos) e foi morto por um hipopótamo.

Outros usos

Alguns estudiosos afirmam que o nome do rei Minos quem governou a Antiga Creta é derivado de Menés assim como os nomes Tsar, Cáisere "Czar" são derivados de César. Como não

há nenhuma menção de Menés nos registros arqueológicos egípcios, é também possível que seu nome foi derivado de Minos.

Na cultura popular

Alexander Dow (1735/6-1779), um dramaturgo e orientalista escocês, escreveu a tragédia Sethona, situada no Antigo Egito, em que o personagem principal, Menés, é descrito na dramatis personæ como "próximo herdeiro masculino para a coroa" agora usada por Serápis, e foi interpretado por Samuel Reddish em uma produção de 1774 por David Garrick no Teatro Drury Lane."

(<https://pt.wikipedia.org/wiki/Men%C3%AAs>)



MERNEITH-MAFDET

Alguém pode perguntar como cheguei à conclusão de que Mafdet foi a “divinização” de Merneith, ou seja, se é verdade que o faraó Den quis homenagear sua falecida mãe dando-lhe o “*status*” de deusa.

Vou mostrar como raciocinei para chegar a esse resultado, que é mais do que óbvio.

Quem escreve sobre História deve analisar e deduzir muito mais do que simplesmente apegar-se a documentos e registros, que, em número muito maior do que se pensa, são mentirosos ou fraudados.

Mais da metade dos chamados “fatos históricos” é resultado de montagens, distorções ou mentiras deslavadas.

Infelizmente, a maioria dos escritores direciona suas palavras para favorecer determinadas pessoas, instituições ou correntes religiosas, políticas etc. ou desmoralizar outras tantas. Duvidam?

Mas, voltemos à reflexão sobre acerca da identidade entre Merneith e Mafdet.

Mafdet era deusa da Justiça e da Cura, valorizada enormemente na época do faraó Hórus Den.

Seu culto foi instituído por Den, que viveu, como já foi dito, há quase cinco milênios atrás, ou seja, lá pelo ano de 2.900 a. C.

Nunca se falou em Mafdet antes e também seu culto não passou da I Dinastia, ou melhor, foi perdendo força no próprio transcurso daquela Dinastia e há razões convincentes para se concluir dessa forma: era uma deusa do Bem, valorizada pelas pessoas de bem, mas a verdade é que os sucessores de Hórus Den eram pessoas do mal, bastando verificar seus respectivos dados biográficos.

A I Dinastia encerrou-se pela falta de competência e de caráter dos últimos membros daquela família, como acontece sempre que um grupo familiar procura manter-se no poder, surgindo em dado momento os degenerados e os inaptos, que jogam tudo por água abaixo.

A I Dinastia faliu e a Casa da Vida, Mafdet etc. etc. foram deixadas no olvido.

Os faraós das posteriores Dinastias tinham interesse em valorizar outros deuses e deusas: em resumo, era uma questão de prestígio familiar e político-financeiro.

Havia no Egito antigo deuses tanto quanto os há ainda hoje na Índia, ou seja, além dos deuses nacionais os deuses regionais e até deuses locais e familiares.

O poder decretador de Den do culto a Mafdet sustentou a obrigação dos súditos de venerar sua mãe falecida.

Não é difícil deduzir que Merneith tivesse as virtudes de Mafdet, pois que a Casa da Vida foi uma instituição criada no governo Merneith-Den.

E a Casa da Vida pode-se dizer que resumia todos os ramos do Conhecimento em estudos e práticas destinadas à formação global dos homens da elite egípcia: a parte corporal dos seres humanos era estudada no campo da Medicina e outras disciplinas congêneres, enquanto que a parte moral era objeto de reflexões da área do Direito, da Justiça.

Vamos fazer uma interrupção aqui para vocês entenderem que a deusa que substituiu Mafdet no curso dos novos tempos, ou seja, posteriores Dinastias, não era conhecida nem cultuada na época da I Dinastia.

O culto a Maat, como deusa alada da Justiça, começou no reinado de Ramsés II, ou seja, por volta de 1.200 a. C. e essa deusa não era nada mais nada menos que sua esposa Nefertari. Quem não concorda pode continuar com seu modo de pensar, pois este livro não se destina a tratar de Maat, mas sim de Mafdet.

Alguns falam em culto a Maat remontando a 2.600 ou 2.700 a. C., mas trata-se de uma fraude, pois a deusa maléfica, a quem se atribuiu o poder de julgar os mortos, tem seu culto relacionado à Magia Negra, nada mais nada menos significando que uma deturpação imposta por Ramsés II e sua esposa Nefertari para dar a esta o “status” falso de deusa da Justiça e da Verdade, inclusive fazendo-a passar por esposa e irmã de Thot, para melhor enganar o povo, sabendo-se que ele era um deus respeitável e respeitado, ligado ao Bem e não à banda podre da religiosidade egípcia.

Todavia, por mil artimanhas, o culto a Maat permanece até hoje e ainda é lembrada como símbolo da Justiça, quando, na verdade, é uma das várias deusas do Mal do Egito antigo.

Tenho para mim que não vale a pena gastar tinta para demonstrar o que é uma verdade como essa que estou afirmando, porque os cultores de Maat irão rebater sempre meus argumentos.

A deusa da Justiça, digamos, do Bem foi Mafdet.

A luta entre o Bem e o Mal é uma realidade.

Prezado Leitor, acredite se quiser!

FIM

NOTAS

[1]

“Hemaka foi um importante oficial durante o longo reinado do faraó egípcio Den da Primeira Dinastia. A pesquisa sobre datação por radio carbono realizada durante a década de 1950 sugeriu uma data para o período de vida de Hemaka ca. 3100 a. C. Um dos títulos de Hemaka era o de "portador do selo do rei do Baixo Egito", tornando-o efetivamente chanceler e segundo no poder apenas para o rei.



Vaso de alabastro com o nome de Hemaka e seu título portador do rei do Baixo Egito, Museu Nacional de Arqueologia (França).

O túmulo do seu chanceler Hemaka é maior do que o próprio túmulo do rei, e durante anos foi erroneamente considerado pertencente a Den. Foi escavado primeiramente por Cecil Mallaby Firth em 1931 e o trabalho foi continuado sob a supervisão de Walter Bryan Emery começando em 1936.



O nome e o título de Hemaka são mencionados à esquerda do nome do rei Den no rótulo deste ano da tumba de Den, no Umm el-Qa'ab.

Esta tumba, localizada na parte norte de Saqqara, continha muitos bens da época, incluindo discos de jogos embutidos e caixas de madeira circulares contendo os primeiros papiros sobreviventes. Acredita-se que a riqueza de bens desta tumba, bem

como a de outras autoridades desta época, reflita a relativa prosperidade do reinado de Den.

Como visto de inscrições em selos de cerâmica, Hemaka também era responsável por manter um dos domínios reais do rei Den, uma fazenda ou vinhedo para uso expresso da família real e depois para apoiar o culto funerário do rei. Parece provável que ele começou seu serviço ao rei nesta posição, conseguindo governar outros domínios até que ele subisse para a posição de chanceler.”

(<https://en.wikipedia.org/wiki/Hemaka>)

[2]

“Neitotepe (Neithhotep) foi provavelmente a primeira rainha do Antigo Egito, cofundadora da I dinastia, e é definitivamente a mais antiga rainha do Antigo Egito cujo nome é conhecido. Neitotepe significa "[A Deusa] Neith está satisfeita".

Biografia

Neitotepe pode ter sido a esposa de Narmer e Hórus Aha. O casamento dinástico de Neitotepe com Narmer, que representa o início do Período Dinástico do Egito e a unificação do Alto e Baixo Egito, pode ser representado na Paleta de Narmer. Neitotepe foi a mãe de Hórus Aha e foi possivelmente a mãe de Beberibe.

O nome de Neitotepe foi encontrado em vários locais:

- *Vedação de argila na tumba de Nacada com o nome de Hórus Aha e Neitotepe.*
- *Vedação de argila com apenas o nome de Neitotepe, também da tumba real de Nacada. Alguns destes estão agora no Museu do Cairo.*
- *Dois vasos escritos foram encontrados na tumba de Djer.*
- *Fragmento de marfim com o nome de Neitotepe foi encontrado nas tumbas subsidiárias próximas ao complexo funerário de Djer.*
- *Fragmento de vaso de alabastro com o nome de Neitotepe foi encontrado nas proximidades das tumbas reais em Umm el-Qaab.*
- *Em rótulos de Helwan.*

Neitotepe em hieróglifos é



Seus títulos foram: hnti (O mais importante da mulher), sm3i.t nb.ti (Consorte das Duas Senhoras). Ambos foram títulos dados da rainha durante da I dinastia.”